



## **Projeto CASA: vivências agroecológicas para integração campo-cidade** *Projeto CASA: agroecological immersions for rural-urban approximation*

CONSOLI, Rafaella<sup>1</sup>; ALBURQUEQUE, Luísa<sup>2</sup>; CREMONA, Matheus<sup>3</sup>; BRITO, Paula<sup>4</sup>.

1, 2, 3, 4UFRJ, rafaconsoli@poli.ufrj.br; luisaferrer95@gmail.com; matheuscremonal@gmail.com; paulabrito@iesc.ufrj.br

### **Eixo temático: Agriculturas Urbana e Periurbana**

**Resumo:** Dentre os objetivos do projeto de extensão CASA (Comunidade Acadêmica que dá Suporte à Agricultura) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estão o fomento da discussão sobre a lógica da produção e consumo de alimentos no meio acadêmico e a valorização do diálogo de saberes entre os aprendizados teóricos/científicos e os tradicionais. O projeto estrutura-se como uma CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura). Uma das ações estratégicas para disseminação da agroecologia e valorização da agricultura familiar, são as vivências agroecológicas, realizadas nos sítios dos agricultores da Feira Agroecológica da UFRJ e participantes do projeto, residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro. A partir de experiências imersivas coletivas, que incentivam a reflexão, a troca de saberes e a criação de vínculos entre os envolvidos, têm-se a aproximação entre campo, cidade e universidade.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; agricultura familiar; diálogo de saberes.

**Keywords:** Agroecology; family farming; knowledge exchange.

### **Contexto**

As vivências agroecológicas, promovidas pelos grupos de agroecologia da UFRJ e agricultores da AFOJO (Associação de agricultores da microbacia do Rio Fojo) de Guapimirim, vêm sendo realizadas desde 2014. Houveram 20 edições até o presente momento, sendo abordado nesse trabalho a metodologia das vivências realizadas nos últimos dois anos.

Em 2009 foi implementada a Feira Agroecológica da UFRJ, e alguns dos agricultores da AFOJO participam da feira desde então. A interação dos grupos de agroecologia com estes agricultores começou através do contato na feira, e o grupo MUDA (Mutirão de Agroecologia) foi quem organizou as primeiras vivências de 2014 a 2016, que posteriormente foram assumidas pelo projeto CASA (Comunidade Acadêmica que dá Suporte à Agricultura), projeto criado para promover uma CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) dentro da universidade e fortalecer as relações produtor-consumidor com os agricultores da Feira Agroecológica.

Os principais objetivos da realização de vivências são a aproximação campo-cidade, a disseminação da agroecologia e a valorização dos conhecimentos dos agricultores tradicionais. As vivências são um rico instrumento de transformação para construção da agroecologia em regiões metropolitanas, pois têm a experiência imersiva como



forma de internalização dos princípios agroecológicos praticados, e de criação de novas perspectivas a partir do contato dos participantes com a realidade agrícola.

As vivências são construídas como um ambiente horizontal de aprendizado, privilegiando a interdisciplinaridade e a troca de saberes entre todos os presentes. Ainda pelo fato de estarem atreladas à universidade através dos grupos de agroecologia que as organizam em suas ações de extensão, grande parte do público participante é formada por estudantes, que podem levar os conhecimentos e perspectivas adquiridas para suas diferentes áreas de formação, perpetuando a Agroecologia como um campo de práticas e uma ciência inclusive para além dos muros da Universidade.

### **Descrição da experiência**

As vivências são realizadas nos sítios dos agricultores da AFOJO, e têm duração de 48h, começando sexta-feira a noite e terminando no domingo ao fim do dia. São realizadas seguindo um rodízio entre os sítios, de modo que todas as agricultoras e agricultores integrantes do projeto sejam contemplados ao longo de um ano, para que um novo ciclo de vivências recomece.

A programação é organizada com antecedência. Os alunos extensionistas e os agricultores se reúnem para marcar a data do evento, avaliar as demandas do sítio e as possíveis atividades a serem realizadas. Essa metodologia é adotada para que o evento não seja apenas um momento de convivência, mas que também seja funcional e traga benefícios para os agricultores, colaborando com as etapas dos ciclos de produção. Um trabalho que realizado sozinho dependeria muito tempo e esforço, pode ser realizado por muitos braços durante o mutirão na vivência, sendo executado de forma mais rápida e sem sobrecarga individual. Com data e programação definidas, os extensionistas preparam o material de divulgação, realizada através da criação de eventos nas mídias sociais, demais redes de contato e por cartazes do evento espalhados na Universidade.

Para inscrição dos participantes é solicitado o preenchimento de um formulário online criado para cada evento. A partir das respostas do formulário podemos acompanhar quantos participantes teremos na vivência, e também obter informações sobre o público, como sua ocupação, como ficaram sabendo da vivência, qual a sua motivação em participar, etc.

Os sítios se localizam em Guapimirim, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. O transporte até lá de carro dura em torno de 1h, e também é acessível por ônibus intermunicipal. Sempre que possível é solicitado o transporte institucional da UFRJ. Caso não haja transporte, são organizadas caronas, e grupos para ida conjunta de transporte público. Chegando aos sítios, na sexta-feira à noite, tem-se o jantar e roda de apresentação, para que todos se apresentem, se conheçam, e é feito o diálogo sobre os acordos coletivos e propostas da vivência. Sábado durante o dia ocorrem as atividades previstas na programação, e a noite geralmente se faz uma fogueira, como um momento de socialização. Domingo continuam-se as atividades da



programação, que sempre se fecha com a compostagem dos resíduos orgânicos gerados durante a vivência e uma roda final para avaliação da experiência. A compostagem é uma atividade fixa por se considerar importante o cuidado e a discussão sobre os resíduos orgânicos. Considera-se que fechar o ciclo dos nutrientes através da compostagem não é só uma atividade educativa, mas também uma forma de honrar e devolver à terra o que ela nos dá como alimento.

Alguns exemplos de atividades que já foram realizadas em vivências: plantio (de abacaxi, mandioca, hortaliças, pupunha, bananeira, entre outros), manejo e revitalização de canteiros, podas, colheita (de café, juçara, bambu, etc), oficinas (de banheiro seco, de bokashi, de reconhecimento de PANCS - plantas alimentícias não convencionais, de culinária, etc.) e beneficiamento de alimentos (café, milho, urucum, entre outros).

A acomodação dos participantes nos sítios é feita pelo acampamento em barracas, ou na casa de alguns agricultores quando possível ou necessário. A alimentação se dá prioritariamente a partir dos alimentos que possam ser fornecidos pelo próprio agricultor, e complementada com alimentos não produzidos no sítio e/ou na região (ex: arroz). O preparo dos alimentos é uma responsabilidade coletiva, então é estimulado que todos os participantes participem desta atividade em ao menos uma refeição.

As vivências são autogestionadas, para fortalecer a consciência de comunidade e tentar ao máximo dividir as responsabilidades, incluindo o cuidado dos espaços, da alimentação e atividades propostas. A intenção é que todos os participantes, incluindo os agricultores anfitriões, extensionistas responsáveis e demais participantes partilhem as responsabilidades por todas as tarefas. Essa idéia é passada diretamente e indiretamente durante o evento, pois o grupo se reúne em roda sempre que necessário em busca de se tomar decisões e organizar o andamento das atividades coletivamente.

## **Resultados e discussão**

Desde 2014, já foram realizadas 20 vivências agroecológicas, em seis sítios com os agricultores parceiros e suas famílias na AFOJO. As primeiras vivências foram realizadas pelo projeto MUDA, e a partir de 2017 foram incorporadas ao Projeto CASA com a metodologia acima descrita.

No total, foram 315 participantes, considerando somente as pessoas externas a AFOJO. Além disso, somam-se aos eventos, a família dos agricultores anfitriões que também vêm para participar da vivência. O histórico de participantes é observado no Gráfico 1 (abaixo), sendo cada vivência ocorrida representada por uma coluna:



As vivências realizadas no início do ano, até maio, ou próximas às férias costumam contar com maior número de participantes, o que colabora para explicar a flutuação no número de pessoas. No entanto, independente do quantitativo, o que se observa é que as vivências são igualmente proveitosas. Em um maior número, é possível realizar mais atividades, pois são mais pessoas trabalhando, e em menor número se tem um contato mais próximo entre todos os presentes. Um aspecto interessante é a oportunidade de retornar a um mesmo sítio, e ver o resultado de algo que foi realizado na vivência anterior, como algum plantio ou manejo. E muitos participantes vão a mais de uma vivência, pois cada experiência é única.

A principal forma de avaliação dos resultados alcançados é qualitativa e processual. Se dá através dos relatos na roda final de avaliação e fechamento da vivência, das respostas aos formulários online de avaliação (enviados aos participantes) e do constante diálogo com os agricultores após as vivências, bem como na construção de cada novo evento. Os sentimentos demonstrados em grande parte são de alegria e gratidão por ter compartilhado os momentos com o grupo e por todos os aprendizados adquiridos. Pode-se também observar a satisfação do público participante e dos anfitriões pelo número de edições ocorridas do evento, já que o interesse em sua continuidade se mantém. Após o evento, o contato semanal na feira consolida e dá continuidade aos vínculos iniciados ou aprofundados na vivência, entre os participantes e os agricultores.

Uma dificuldade prática enfrentada na organização das vivências diz respeito à flutuação observada no número de participantes, pois algumas atividades requerem materiais de trabalho em quantidade (como ferramentas disponíveis nos sítios). Quando o número de participantes é alto (mais de vinte pessoas) o trabalho fica limitado pelo seu revezamento. Nesses casos, observa-se a necessidade de melhorar o planejamento das atividades, seja através de organizar o transporte de mais ferramentas até o sítio, seja se optando por realizar duas atividades concomitantes.

Outro fator limitante é a conciliação das datas favoráveis para vivências com o calendário acadêmico, datas de outras vivências realizadas em outros locais por outros grupos de agroecologia, feriados, festividades e eventos externos. Foi observado que o ideal é que a data da vivência seja marcada com pelo menos um mês de antecedência, para ter sua organização, divulgação e solicitação de transporte institucional de forma eficiente.

A metodologia apresentada neste trabalho tem se mostrado satisfatória e pode ser replicada facilmente por quem desejar realizar uma vivência nesse modelo. Suas vantagens são as relações horizontais de convivência e aprendizado, as atividades voltadas para as demandas locais, assim como sua acessibilidade econômica para os interessados. O suporte da universidade tem papel importante na questão do acesso,



à medida que as bolsas de extensão dos estudantes facilitam com que estes possam se dedicar ao projeto, e o apoio com transporte institucional também evita custos com transporte para os participantes. Além disso, a dinâmica de refeições partilhadas com contribuição direta aos agricultores, favorece com que todos tenham condição de participar, sem gerar prejuízos ou impedimentos para nenhuma das partes.

Para os agricultores, a vivência é um momento de valorização e reconhecimento, pois recebem diversas pessoas interessadas em seu trabalho, conhecimento e história. Para todos é um momento rico de aprendizados, pois cada um traz uma bagagem de conhecimentos, e estes são trocados ao longo do final de semana. Desta forma, a vivência é uma importante ferramenta para disseminação da Agroecologia, servindo tanto como porta de entrada para um primeiro contato, como para aprofundamento para os que já estão inseridos na temática de alguma forma.

A realização de vivências pode também ser considerada como uma atividade política da Agroecologia, pois é uma oportunidade para troca de conhecimentos, para realizar discussões sobre diferentes temas pertinentes à nossa sociedade e a forma de nos relacionarmos com os outros seres humanos, com os alimentos e com a terra. No momento histórico em que o país vive, a disseminação da Agroecologia através das vivências é também uma atividade de resistência e de colaboração para se reduzir a invisibilidade dos agricultores agroecológicos, principalmente daqueles que realizam suas atividades agrícolas em ambientes urbanos e periurbanos, como os agricultores participantes do Projeto CASA.

Por fim, o grande potencial alcançado pelo Projeto e pelas vivências é o de formação de vínculo, de se desenvolver ao longo da experiência relações de respeito, admiração, cooperação e amizade entre os participantes, os agricultores e suas famílias. Estes vínculos são o verdadeiro caminho para transformação agroecológica da nossa sociedade.

## **Agradecimentos**

Agradecemos aos agricultores da AFOJO, nossos mestres e parceiros, à Feira Agroecológica da UFRJ, ao Instituto de Estudos em Saúde Coletiva e à Pró-Reitoria de Extensão (PR-5) da UFRJ pelo apoio.